

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO TEÓRICO

Rogério Drago

rogerio.drago@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8595961404664412>

Laysa Gomes Soares dos Santos

laysagomes2010@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5530605823050372>

Luiza Butke de Andrade

luizabutkea@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3635445576661537>

Resumo

Este estudo tem como objetivo compreender a afetividade na educação infantil, destacando teorias, conceitos e a sua contribuição no ambiente escolar para o fortalecimento das aprendizagens das crianças na educação infantil. Os estudos apontam que a afetividade é um fator importante nas relações interpessoais de todos os sujeitos, sendo também essencial na relação aluno-aluno e aluno-professor, pois é através desse afeto que o aluno se sente seguro, contribuindo assim, para o desenvolvimento cognitivo. Para sustentar o debate, buscou-se o referencial teórico de Piaget e Wallon, que auxiliaram com os seus estudos sobre a afetividade a compreender as relações de afeto na sala de aula tanto do aluno no individual quanto nas relações coletivas. Este trabalho fundamentou-se através de pesquisas já realizadas sobre este assunto auxiliando na compreensão do tema e de sua importância nos ambientes escolares.

Palavras-chave: Afetividade. Educação Infantil. Estudo Bibliográfico.

Este artigo tem como objetivo compreender a afetividade na educação infantil, destacando teorias, conceitos e a sua contribuição no ambiente escolar para o fortalecimento das aprendizagens das crianças na educação infantil.

Assim, para entendermos melhor sobre o assunto, destacamos ao longo do texto alguns conceitos, teorias e enfatizamos a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem. Nossa pesquisa será baseada em um estudo bibliográfico, com a

revisão de literatura baseada nas colocações de dois teóricos da educação: Piaget e Wallon, que enfatizam em suas teorias a íntima relação entre afeto e a cognição, no que se diz respeito ao papel da afetividade para o desenvolvimento e construção de um ser humano completo.

A afetividade tem papel fundamental na construção das relações com o outro, pois ela permite que haja demonstração dos sentimentos, e a forma com que essas demonstrações são recepcionadas podem influenciar no comportamento. Exemplo disso, quando um bebê, ou mesmo uma criança bem pequena que não sabe falar, externaliza suas vontades através do choro, quando ela está com fome, ou quer o colo da mãe, está desconfortável, ou qualquer outro desejo, é nesse momento que as famílias podem demonstrar afeto com aquela criança, pegando no colo, conversando, e assim, entenderia o que de fato ela quer dizer com o choro, entretanto esse momento é compreendido por algumas famílias como apenas uma birra.

Na medida em que essa criança vai crescendo, a forma de se expressar para o mundo vai se modificando, além do choro, ela começa a pronunciar sons, a engatinhar e buscar o que deseja, até chegar a pronúncia da fala, e o cuidado que os responsáveis têm pela criança são importantes no auxílio das etapas do desenvolvimento, não só emocional, mas também cognitivo.

Estudos acerca do desenvolvimento da infância a partir do contato com as pessoas e, portanto, da afetividade, são destaques nas obras de Jean Piaget (1869-1980 e Henri Wallon (1879-1962). Piaget tem seus estudos baseados na Psicologia do Desenvolvimento, onde destaca que o indivíduo passa por quatro estágios cognitivos e que em cada um deles há uma característica própria que a criança manifesta (BRAGA, 2022): sensório-motor, que é de 0 a 2 anos, tem como característica desenvolver através das experiências os cinco sentidos, despertando na criança o desejo de olhar, tocar, cheirar, experimentar e ouvir, etc; pré-operatório (2 a 6 anos), onde a simbologia é a principal característica que as crianças podem manifestar; operatório-concreto (7 a 11 anos), que possibilita que o indivíduo já consiga organizar os objetos, desenvolvendo

relações cognitivas concretas; operacional-formal (12 anos...), é que os indivíduos são capazes de pensar de maneira mais racional e dedutiva, construindo sua identidade e compreendendo as ações do outro.

Henry Wallon baseia seu pensamento em quatro fundamentos essenciais: a afetividade, inteligência, o movimento e a formação no individual e trata a afetividade como ponto central de seus estudos, evidenciando sua importância tanto para o conhecimento quanto para a construção da pessoa humana, ou seja, a aprendizagem e a emoção são fundamentais no desenvolvimento infantil e o professor tem o papel de mediar essas relações, seja no pátio, na sala de aula, nos passeios, no momento do lanche, em qualquer ambiente da escola, para assim, incentivar o crescimento individual e social da criança, por meio do afeto.

Henri Wallon, assim como Piaget separa o desenvolvimento infantil em estágios, entretanto há uma diferença entre esses autores, pois para Wallon essas etapas não são rígidas e os sujeitos não precisam alcançar todo conhecimento necessário para conseguir avançar para a outra fase, para ele, há uma oscilação entre os sentimentos, assim, o indivíduo pode manifestar em uma determinada fase um sentimento mas que é predominante em outro momento dos estágios.

Wallon divide o desenvolvimento infantil em cinco momentos, o primeiro é nomeado de Impulsivo Emocional (0 a 1 ano); Sensório Motor e Projetivo (1 a 3 anos); Personalismo (3 a 6 anos); Categorical (6 a 11 anos); Adolescência (a partir dos 12 anos).

Para Mello e Rubio (2013) Wallon e Piaget afirmam que não se pode separar afetividade e cognição. Apontando os estudos feitos por eles, pode-se afirmar que a afetividade é vital em todos os seres humanos, de todas as idades, mas, especialmente, no desenvolvimento infantil.

No que tange ao são já bem conhecidos os estudos de Ariès (1973), onde as crianças viviam sem condições de dignidade, proteção e educação, era uma época em que elas não eram vistas na sua essência, mas como “adultos em miniatura”, desse

modo, não havia até o início do século XVII a noção de criança e infância que possuímos hoje. A obra do autor deixa clara a inexistência do sentimento de infância, que é diferente de criança. Criança é fase biológica do ser humano. Infância é uma construção social que varia de cultura para cultura, de família para família, de momento histórico para momento histórico.

No decorrer do século XX ao avançarem os conceitos de infância e de criança, também se avançaram os direitos desses indivíduos. Historicamente, as creches tinham a função assistencialista como pilar, já que cuidavam das crianças enquanto seu responsável trabalhava. Ainda hoje, essa não deixa de ser uma das incumbências desse local, entretanto, não se baseia somente no cuidado, mas contempla diversos direitos, que também avançaram com o passar dos anos e o do reconhecimento da criança como sujeito de direitos.

Com isso, esse espaço, que hoje é essencial para a infância, precisa ser um ambiente que proporcione à criança momentos de aprendizagens e que permitam que elas manifestem sua liberdade enquanto brincam, que questionem e aprendam no coletivo. Segundo também as DCNEIS a matrícula das crianças se torna obrigatória a partir dos 4 anos e as vagas nas instituições de ensino serão oferecidas perto de sua residência (BRASIL, 2010).

As instituições de ensino são essenciais para as crianças, pois nestes locais elas podem propiciar momentos de aprendizagens significativas que auxiliam no desenvolvimento cognitivo, emocional e social, como demanda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em seu Art. 29.

Essa etapa da educação passa a atender, a partir de 2006, com a atualização da LDB, crianças de zero a cinco anos. Nessa idade, os filhos não se desvincularam de forma afetiva de seus familiares, sendo possível analisar que na educação infantil no último grupo na faixa etária de cinco anos, ainda é possível perceber que algumas crianças entram para sala de aula chorando, querendo ficar com o seu responsável, e por

isso, o educador precisa intervir nessa situação dialogando com esse aluno, mas também demonstrando carinho e afeto de maneira com que eles se sintam acolhidos nesse espaço.

O ambiente educacional não é responsável apenas pelo cuidado, mas também do educar (BRASIL, 2017) proporcionando momentos de aprendizagem essenciais para o desenvolvimento. O cuidado nesse ambiente educacional, não se limita apenas em observar e proteger nos locais em que possam apresentar algum perigo, mas necessita do comprometimento do profissional da educação para olhar de forma macro nessa questão, compreendendo que a criança é um sujeito de direitos e que necessita de cuidados nos diferentes momentos, cuidados com a higiene, alimentação e diversas questões com a saúde, assim criando vínculos, respeitando a individualidade e emoções que a criança apresenta e ajudando nos momentos em que necessitar de ajuda.

Quando é mencionado o educar na educação infantil, logo é pensado esse termo como uma “transferência de conhecimento”, entretanto essa não é a melhor definição do que o educar se baseia nessa primeira etapa da educação básica. O educar, vai além de ensinar um conteúdo para os alunos, a criança aprende de diversas maneiras, como nos momentos de brincadeira, de conversa com os seus colegas, jogos educativos, etc.; assim, o professor pode planejar e proporcionar esses momentos na sala de aula incentivando a aprendizagem através dessas atividades lúdicas em associação direta ao contato com outros seres humanos, num processo de trocas, inclusive afetivas e emocionais.

Nesse movimento de análise teórica, ao longo do trabalho pôde-se compreender a real importância da afetividade nas relações pessoais escolares, onde dentro do cuidar e educar está a afetividade, que é importante para que o aluno se sinta acolhido e se relacione com os colegas e com os docentes, numa troca de afeto e conhecimento. Desta forma, pode-se compreender a relação intrínseca entre o educar e o cuidar na educação infantil, contudo durante nossa pesquisa surgiram algumas dúvidas, que agora buscamos responder: Como se dá a relação professor-aluno, e a relação com os colegas? E quando

não há afeto nas relações pessoais escolares, o aluno conseguirá se desenvolver/socializar plenamente?

Para então tentarmos entender essas questões utilizamos alguns artigos que tratam da afetividade na educação infantil sob a ótica de Wallon e Piaget e outros trabalhos relevantes que analisamos.

A afetividade na visão de Wallon engloba todos os aspectos relacionados ao afeto, as emoções, os sentimentos e as paixões, onde ela é o todo. Assim, ele trata a afetividade como um domínio funcional, em que abrange todas as esferas afetivas, desde as orgânicas, até as paixões, sentimentos e emoções. Wallon então em seus estudos afirma que a afetividade está intrinsecamente ligada aos fatores orgânicos e sociais, há para ele uma alternância entre esses dois fatores durante todo o desenvolvimento da criança, onde ora o seu biológico determina suas emoções, paixões e afetos, ora o seu social. Contudo, Wallon defende que essa sobre pungência dos fatores ao longo do desenvolvimento vão se afastando, já que a afetividade que inicialmente é determinada basicamente pelo fator orgânico passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social (ALMEIDA, 2008, p. 347), onde agora as relações pessoais que vão ditando seus afetos, paixões e emoções. Por exemplo, quando a criança é bem pequena suas emoções, paixões e sentimentos são ligados a fatores orgânicos, à fome, ao se sentir sua fralda suja, ao ter dores ou incômodos, mas, a partir do momento que a criança vai crescendo e se desenvolvendo em um meio social seus afetos são determinados pelas suas relações com o outro, em quem a criança tem mais segurança, se sente mais confortável e acolhida, assim, para Wallon quando a criança está em ambiente acolhedor e afetivo positivamente ela se desenvolve completamente pois segundo o teórico existe uma estreita relação entre as interações sociais e o desenvolvimento humano, já que somos seres sociais e necessitamos de afetos, trocas, conversas, para construirmos a obra completa que é o ser humano, que pensa, age, reflete, sente, demonstra. Assim, segundo a obra walloniana a afetividade segue em estágios, da afetividade orgânica até a

afetividade moral/social, onde podemos relacionar essas etapas com as do desenvolvimento infantil.

Ainda segundo Wallon a afetividade e a inteligência não se separem no desenvolvimento. Assim, notamos que essa indissociabilidade entre afeto e inteligência influencia diretamente nas relações que devemos ter dentro das escolas com as crianças, pois sabendo-se disso não devemos tentar separar esses dois fatores, precisamos compreender que para que a criança tenha condições de se desenvolver plenamente em suas capacidades o ambiente escolar deve ser agradável, propício para o aprendizado e para as relações de afeto, como afirma Almeida (2008).

Outrossim, os autores que tomamos como base, também analisam que as aprendizagens se dão através das relações entre o indivíduo e o meio onde ele está. Se relacionando também com as pessoas, pois as crianças não são só receptoras de informações, mas aprendem através do diálogo, das brincadeiras, do lúdico e do contato com o ambiente. O desenvolvimento seja motor, afetivo ou cognitivo, não é aperfeiçoado de maneira solitária, mas precisa de estímulos que a escola e a relação com o outro proporciona.

Para os profissionais que estão atuando na educação infantil com bebês, é importante que compreendam que o afeto está não somente no contato, como o abraço ou colo, mas também se encontra nos objetos que a criança traz de sua casa e se sente confortável ao utilizar, como a chupeta, a mamadeira e até mesmo um lençinho. Primeiro, suas vontades são manifestadas através do choro, na medida que o bebê for crescendo começa a apontar para o que ele deseja, depois ele tenta pegar, alcançar o objeto ou o que quer, e assim, até que ele começa a se expressar falando. E como já mencionado anteriormente, o pilar de Wallon está na afetividade, movimento, inteligência e formação, e estão em constante comunicação.

Por isso a importância da boa relação dentro desse ambiente escolar, pois além do aluno sentir confiança no profissional que está atuando na sala de aula, esse afeto

também auxilia no desenvolvimento. É importante mencionar também que é preciso diferenciar o afeto que a criança tem em casa com sua família para o que ela tem com sua professora, pois mesmo que com ambas a criança se sinta amada e acolhida, o professor é um profissional que está ali trabalhando, por isso a necessidade de haver limites entre esse afeto, entretanto, estabelecer limites, não impede o educador se expressar seus sentimentos e emoções.

As contribuições de Wallon nos auxiliam a compreender a criança como ela é, não um “adulto em miniatura” como antes era representado. Como já mencionado, em cada fase do desenvolvimento, para ele, há uma predominância seja da afetividade ou cognição, e assim, precisa-se compreender a criança na idade a qual ela está, com seus desejos e vontades, e mesmo que haja a predominância de um desses fatores nas fase da criança, eles sempre estão se interligando e por isso, independente do estágio que se encontra, a afetividade se faz presente.

Abordando um pouco também sobre os desejos da criança, Piaget nos ajuda a compreender que mesmo a criança na fase pré-escolar, já consegue manifestar suas vontades, como no momento da brincadeira, onde a criança prefere um brinquedo de carrinho, do que um de blocos, no horário de lanche, que prefere não colocar determinado alimento em seu prato, a escolha de um determinado livro ou até mesmo fora da escola, que prefere esse ou aquele sabor de sorvete, um tênis do Homem-Aranha e não um do Batman.

Segundo Piaget (apud ALENCASTRO, 2009, p.12) “[...] embora as crianças de aproximadamente três anos de idade estejam ainda em processo rudimentar dos conceitos morais, elas já apresentam sentimentos afetivos formados, preferências e o sentimento de gostar e não gostar”. Dessa maneira, o professor também se mostra afetivo quando respeita esses desejos da criança.

Ademais, um importante fator que os profissionais devem observar são essas demonstrações das crianças, às vezes em casa com sua família, o aluno está passando

por situações delicadas e a escola é um escape para essa criança, e professor é essencial para mediar esses conflitos, dialogando e buscando compreender a situação com uma relação de confiança.

Esse vínculo entre professor e aluno se dá em todo momento na sala de aula, durante as brincadeiras, conversas e até mesmo atividades, o educador precisa compreender que a afetividade está em diversos momentos, como expõe Mello e Rubio (2013, p.7) “Pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir, respeitar são, entre tantos outros, necessidades que levam o sujeito a investir na afetividade, que é o combustível necessário para a adaptação, a segurança, o conhecimento e o desenvolvimento da criança”. Pois dessa forma, a criança se sentirá segura e mostrará mais interesse em aprender o conteúdo que a professora está ensinando, proporcionando assim, uma aprendizagem significativa para a criança e o sentimento de realização para o professor.

Na constituição de sujeitos sociais e cognitivos na escola, desde a educação infantil se torna o centro da vida extrafamiliar das crianças pois é lá que elas passam grande parte de suas vidas e experiências. É na educação infantil que as crianças pequenas são inseridas no ambiente escolar onde elas demandam de atenção, cuidado, carinho, e uma formação docente capaz de atender as expectativas infantis e auxiliá-las nos seus desenvolvimentos, sociais, cognitivos, físicos e emocionais, pois quando a criança pequena chega à escola ela está com medo do novo, com receio do que virá, e os profissionais da educação são partes fundamentais nesse processo de autoconfiança e autoestima das crianças.

Assim, para que as crianças se sintam acolhidas, seguras e para que elas tenham um desenvolvimento pleno na escola, e fora dela também no seu meio social extraescolar, é importante que haja desde a educação infantil relações pessoais positivas, com o afeto permeando todas as esferas escolares, no apoio, com palavras de afirmação, no encorajamento em situações novas, para que assim as crianças tenham seu desenvolvimento educativo, e social alcançados, já que é por meio do afeto que nós conseguimos nos desenvolver plenamente.

Desta maneira, nós como educadores temos o papel de auxiliar os nossos educandos nos seus processos de desenvolvimento, sempre com apoio afetivo positivo nas interações, já que não isolamos os alunos dentro das escolas para repassar conteúdos, separando o social do conhecimento, ao contrário dentro das escolas as relações pessoais devem ser presentes, pois nós trabalhamos com valores, na constituição de sujeitos, de caráters, nós auxiliamos as crianças na sua formação integral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita. A afetividade no desenvolvimento da criança. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, 33 (2): 343-357, jul./dez. 2008.

ALENCASTRO, Clarice Escobar de. **As relações de afetividade na Educação Infantil**. Porto Alegre, 2019.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica, Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRAGA, Livia Vares da Silveira. Teorias do Desenvolvimento na Educação Infantil: Um olhar a partir de Piaget, Wallon e Vigotski. In: SILVA, Rita Barcelos da; ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes; OLIVEIRA, Ivana Esteves Passos de. Org(s). **Fazer e Saber no Cotidiano Escolar: Debates Interdisciplinares**. Diálogo Comunicação e Marketing, Vitória, 1º edição, p. 116 - 126, 2022. Disponível em:

<<https://dialogocom.com.br/wp-content/uploads/2022/07/Ebook-Fazer-e-saber-Rita-1.pdf>>. Acesso em: 13 jul.2022.

MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A importância da afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** - Volume 4 - nº1 - 2013.

SOBRE OS AUTORES:

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (1994), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (1999), doutorado em Ciências Humanas - Educação pela PUC-Rio (2005) e Pós-Doutorado em Educação pelo PPGE-UFES (2013). Foi professor da Prefeitura Municipal de Vitória, atuando na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. É professor Associado do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, onde coordena o GEPEI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Inclusão, desenvolvendo estudos principalmente nas áreas de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva de sujeitos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento na educação básica, dialogando teoricamente com Vigotski e Bakhtin.

Licenciadas em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo.